

O processo de feminização no jornalismo regional: uma análise sobre a contribuição das jornalistas na Gazeta do Povo

Paula Melani Rocha*, Gabriela Clair Kosvoski**.

Resumo

O processo de ingresso das mulheres no jornalismo brasileiro ocorre de forma mais acentuada no século XX. No entanto, há especificidades desse movimento de acordo com a região do país e características dos impressos. Embora a participação das mulheres no exercício do jornalismo no Brasil sobressaia quantitativamente à participação masculina, pesquisas dentro do campo do jornalismo sobre o tema ainda são localizadas. A presente reflexão busca discutir a feminização no jornal *Gazeta do Povo* (Curitiba) de cobertura regional, analisando não apenas como se deu o processo de ingresso das mulheres, mas também suas contribuições. A fundamentação envolve conceitos sobre jornalismo regional e gênero. A metodologia empregada foi pesquisa em jornais, livros, internet e documentários. Entre os resultados, o estudo revelou a invisibilidade da atuação das mulheres sobretudo nos primórdios do jornal.

Palavras-chave: Jornalismo regional; Feminização do jornalismo; Impresso; Mulheres jornalistas.

Abstract

O processo de ingresso das mulheres no jornalismo brasileiro ocorre de forma mais acentuada no século XX. No entanto, há especificidades desse movimento de acordo com a região do país e características dos impressos. Embora a participação das mulheres no exercício do jornalismo no Brasil sobressaia quantitativamente à participação masculina, pesquisas dentro do campo do jornalismo sobre o tema ainda são localizadas. A presente reflexão busca discutir a feminização no jornal Gazeta do Povo (Curitiba) de cobertura regional, analisando não apenas como se deu o processo de ingresso das mulheres, mas também suas contribuições. A fundamentação envolve conceitos sobre jornalismo regional e gênero. A metodologia empregada foi pesquisa em jornais, livros, internet e documentários. Entre os resultados, o estudo revelou a invisibilidade da atuação das mulheres sobretudo nos primórdios do jornal.

Keywords: Regional journalism; Feminization of journalism; Newspapers; Women journalists.

* Professora do Programa de Pós Graduação Mestrado em Jornalismo e da graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Pesquisadora colaboradora do LabJor/UNICAMP

** Docente no curso de Jornalismo da Univesidade Estadual de POna Grossa. Desenvolve iniciação científica com bolsa do CNPq

Introdução

Resgatar como se caracterizou o ingresso feminino no jornalismo brasileiro requer considerar três movimentos distintos que, embora não tenham emergido na mesma data, tampouco estabeleçam necessariamente uma relação direta de causa e efeito, eles coexistiam no mesmo espaço social, histórico e cultural e convergem ao possibilitar enxergar o papel atribuído “tradicionalmente” e culturalmente à mulher na sociedade brasileira visto sob a perspectiva de gênero; sendo eles: a formação da imprensa feminista, a inserção da mulher no mercado de trabalho brasileiro em diferentes segmentos e o processo de feminização do jornalismo. Esses três movimentos enfrentaram resistência e apesar de suas idiossincrasias, eles estabelecem uma confluência na forma em que ocorre a participação feminina no jornalismo, seus embates, constrangimentos e delimitações.

O presente artigo discute o processo de feminização, mas com escopo no jornalismo regional sediado em Curitiba, em especial o impresso *Gazeta do Povo*. Ele tem como objetivo analisar como se deu o processo de ingresso das mulheres na redação, suas contribuições. Assim, busca além de resgatar as mulheres que atuaram no veículo, apontar como foi essa atuação, os cargos que ocuparam, cadernos e editorias.

A fundamentação teórica perpassa por uma revisão bibliográfica sobre alguns marcos da história do jornalismo brasileiro focando, como pontuou acima, a imprensa feminista, a feminização do jornalismo e o jornalismo regional. Nesse sentido, a reflexão procura travar um diálogo entre essas três perspectivas com o objeto proposto, visando delimitar seus compassos e descompassos com o contexto nacional.¹

1 O estudo envolve a pesquisa de iniciação científica "A participação das mulheres no jornalismo impresso e diário de Curitiba no período de 1990 a 2010", com bolsa de fomento do CNPq desenvolvida junto ao grupo de pesquisa Jornalismo e Gênero e estudos da linha de pesquisa Jornalismo e Conhecimento (cadastrado no CNPq).

O esforço e desafio do estudo, em um primeiro momento, foi o de localizar a participação feminina no jornal *Gazeta do Povo* e iniciar o mapeamento. Utilizou-se como método a pesquisa documental (jornais, documentários e legislação), revisão bibliográfica, busca no *LinkedIn* (perfil profissional na Internet) e também no *Facebook* (perfil pessoal no qual consta as informações trabalhistas), contato com jornalistas, Sindicato dos Jornalistas do Paraná (SindiJor) e representante da empresa (*Gazeta do Povo*).

Para compreender como ocorre a entradas das mulheres na *Gazeta do Povo* é necessário olhar para o contexto nacional e também para o jornalismo da época. O jornal *Gazeta do Povo* data de 3 de fevereiro de 1919, com o ideal de ser porta-voz do povo paranaense e comprometer-se com as mais legítimas causas do estado (FERNANDES; SANTOS, 2010).

O processo de feminização no jornalismo brasileiro: da imprensa feminista do século XIX ao mercado profissional no século XXI

O ingresso da mulher classe média no mercado de trabalho na década de 1910 foi motivado principalmente pelos fatores econômicos e sociais (BESSE, 1999). Contudo, desde o século XIX, mulheres da classe média reivindicavam a falta de acesso à educação, ao trabalho e à participação no mundo público em igualdade de condições com os homens e um dos espaços em que reverberava este descontentamento era a imprensa feminina e feminista, que dava na época seus primeiros passos (RAGO, 1995, 1996).

A participação feminina no jornalismo emerge pela imprensa feminista com críticas à situação social da mulher. Entre os veículos

pioneiros estão: *Jornal das Senhoras* lançado no Rio de Janeiro por Joana Paula Manso de Noronha em 1852; *O Belo Sexo*, fundado em 1862, no Rio de Janeiro, por July de Albuquerque Sandy Aguiar e por um grupo de mulheres que incentivava a autoria no conteúdo do jornal; três também cariocas: *O Domingo*, criado em 1874, *Eco das Damas*, de Amélia Carolina da Silva Couto, em 1879 e o jornal *A Família*, de Josefi na Álvares de Azevedo, em 1889.

Em Minas Gerais, Francisca Senhorinha Motta cria em 1873 *O Sexo Feminino* (BUITONI, 1981). *O Sexo Feminino* passou por três fases. A primeira de 1873 a 1875, sediado em Minas Gerais, depois foi transferido para o Rio de Janeiro e circulou de 1887 a 1889, e a terceira fase no Rio de Janeiro, de 1890 a 1896, quando mudou o nome para *O quinze de novembro do sexo feminino*, e, como apontou Constância Duarte, “passou a defender com mais ênfase o direito das mulheres ao estudo secundário e ao trabalho, e a denunciar a educação mesquinha oferecida às meninas”. (DUARTE, 2003, s/p)

Em São Paulo, Josefina Álvares de Azevedo dirigiu de 1888 a 1897 o jornal *A família*, que denunciava a opressão masculina e o não reconhecimento do direito da mulher ao ensino, ao trabalho remunerado, ao voto e ao divórcio. Em Porto Alegre, as irmãs Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro publicaram *O corimbo*, de 1884 a 1944. O impresso também proclamava a favor do voto feminino, direito à educação superior e à profissionalização (DUARTE, 2003). No século XIX e início do século XX, a mulher era deslocada para o âmbito privado, sem direito à escolarização. Apenas as de famílias abastadas conseguiam estudar. O âmbito público era um espaço masculino.

O movimento de acesso a mulheres ao mercado de trabalho foi impulsionado pelas necessidades econômicas que o país enfren-

tava, especialmente no setor de prestação de serviços. E o emprego das mulheres era para suplementar a renda de seus maridos (BESSE, 1999). A inclusão de mulheres de classe média na força de trabalho favoreceu mais a economia do país do que a autonomia propriamente das mulheres. Nesse momento, apenas um grupo de mulheres conseguiu satisfação e independência com o trabalho assalariado, em contrapartida a economia ganhou uma reserva de mão de obra facilmente explorável.

Em parte, as ocupações exercidas por mulheres exigiam qualificações mínimas e não se permitia exercício algum de autoridade. Os interesses e as necessidades da família ainda estavam em primeiro lugar, mesmo para a grande maioria das próprias mulheres, embora trabalhassem. O direito do trabalho era visto como um dever a ser cumprido em benefício da sua família e não de si própria (BESSE, 1999).

A Revista Feminina trouxe essa contraposição do discurso feminista de valorizar o modelo de feminilidade e do papel de mãe no seio da família e da esfera privada, e também de aceder no mundo público em condições de igualdade com os homens (RAGO, 1996).

As escritoras da RF pareciam não ter dúvidas de que a felicidade do lar e a durabilidade do casamento dependiam estritamente da capacidade feminina. Por isso, prontificavam-se a dar inúmeras indicações das “pequenas coisas” através das quais se poderia “trabalhar para a felicidade conjugal”. (RAGO, 1996, p. 25)

Os empregadores, por sua vez, se aproveitaram da oportunidade de pagar salários mais baixos às mulheres em comparação aos homens. Ainda segundo a autora, a participação feminina na força de trabalho, entre 1910 a 1940, definiu-se como extensão e complemento dos papéis domésticos, restringindo-se a setores como comér-

cio, magistério, enfermagem e nas ocupações de secretária, auxiliar de escritório, telefonista e contadora.

Susan Besse (1999) acrescenta que atividades como de escritoras, poetas, jornalistas, artistas e musicistas eram aceitas socialmente para a mulher por estarem ligadas às artes, por disponibilizarem de um horário flexível, por serem vistas como uma atualização do papel tradicional da mulher e, ainda, por serem executadas em casa, ou seja, no ambiente privado. Outro aspecto de aceitação dessas atividades no contexto da época é que a remuneração não era regular, assim para os homens estas ocupações não configuravam como ameaçadoras (BESSE, 1999).

No mesmo contexto coexistia o trabalho das mulheres da classe operária, parte delas imigrantes que vieram para o Brasil juntamente com suas famílias em busca de trabalho. Elas eram segregadas nas indústrias, ocupavam cargos mal remunerados e menos qualificados. Além do trabalho fabril, o serviço doméstico era uma fonte de emprego para essas mulheres pobres, possibilitando que a mulher da classe média exercesse atividade fora do lar.

Enquanto as empregadas domésticas não tinham proteção legal e eram mal remuneradas, as mulheres operárias não conseguiam ter sua autonomia frente às dificuldades que encontravam na competição com homens de sua classe no mercado de trabalho. Embora elas fossem vistas como uma mão de obra necessária, elas também passaram a ser encaradas com um risco à estabilidade familiar e à ordem social e política (ROCHA, 2004), sobretudo porque despontavam grupos de mulheres que se organizavam sob a influência dos ideais anarquistas que chegavam no país pelos imigrantes europeus e abasteciam o movimento operário.

Entre o século XIX e as primeiras décadas do século XX, a participação da mulher no jornalismo era concentrada à imprensa

feminista e na produção de periódicos femininos. Era raro encontrar mulheres trabalhando em redações dos jornais sediados nas capitais, tampouco no interior do país. A participação feminina no jornalismo dos “veículos comerciais” começou no século passado após a crise econômica de 1930.

Uma das situações mais tenebrosas que havia na imprensa de São Paulo (e do Brasil), em 1937, era a discriminação contra a mulher. As empresas jornalísticas eram pensadas e construídas como ambiente de sauna brega: só para homem. Nem havia banheiro feminino. No “Estadão”, à noite, quando fervia o trabalho jornalístico, as mulheres não eram aceitas nem na mesa telefônica. Havia mulheres como telefonistas mas só durante o dia. À noite, um homem é que operava. Mulher podia ser telefonista, faxineira ou servir para fazer o café: circulava na área de serviço. (RIBEIRO, 1998, p.31)

Uma das primeiras mulheres a realizar cobertura jornalística de temas gerais foi Margarida Izar. “Era repórter de geral, de pegar pauta de manhã e sair, com fotógrafo ou sem, para abrir caminho e conseguir manchete. Competente, responsável, meiga e suave, Margarida enfrentava qualquer assunto, buscava o furo, a exclusividade” (RIBEIRO, 1998, p.40). Ainda segundo Ribeiro (1998), a primeira mulher repórter de campo de futebol do país foi Neuza Pinheiro Coelho que trabalhou nos Diários Associados com mais quatro mulheres: Cristina Pinheiro que escrevia sobre temas sociais; Gracita de Miranda, responsável por pautas de saúde e de associação de mulheres; Margarida Izar e Helle Alves que trabalhavam no caderno de geral junto com Neuza. Neuza assinava as reportagens nos Diários Associados desde 1958.

Helle Alves ingressou na carreira em 1943, em um jornal da Rádio América. Em 1959 foi trabalhar como repórter de geral nos *Diários Associados*. Disputou junto com Neuza Pinheiro a vaga para par-

ticipar da Operação Bolívia, que tinha como objetivo fazer a cobertura do julgamento de Régis Debret, em Camiri, um evento internacional com a participação de mais de 200 jornalistas. Ela ganhou no sorteio e foi com a equipe, enviada pelos *Diários Associados*, para Santa Cruz de La Sierra, cidade que ficava a aproximadamente 200 quilômetros de Valle Grande, local onde o grupo de Che Guevara estava sendo cercado. A equipe foi cobrir a morte de alguns guerrilheiros, desviando o propósito da viagem e Helle Alves presenciou a identificação do corpo de Che Guevara junto com seu fotógrafo e cinegrafista, produzindo a reportagem. O texto completo e a foto de Antônio Moura foram publicados no *Diário da Noite*, em 11 de outubro de 1967 (RIBEIRO, 1997). O sucesso da cobertura ocorreu pela perspicácia de Helle em perceber o que estava ocorrendo, ao observar os movimentos da comunidade e do exército, atentar às conversas e sua insistência em acompanhar os passos oficiais (ROCHA; NORONHA, 2015). A cobertura repercutiu negativamente entre os colegas, pois, como ela mesma pontua: “naquela época, ainda não dava para aceitar que a mulher fosse repórter especial, dedicada a grandes reportagens, como acontecia com os homens nessa condição. E isso ainda levaria um bom tempo para ocorrer”. (RIBEIRO, 1998, p. 127)

O ingresso gradativo e acentuado das mulheres nas redações realizando cobertura de temas gerais foi impulsionado pela formação superior em Jornalismo. A primeira licença para a Escola Superior de Jornalismo saiu em setembro de 1939, concedida pelo Conselho Nacional de Educação e seria sediada no Rio de Janeiro, porém não chegou a funcionar. Assim, a pioneira foi instalada em 1947, pela Fundação Casper Líbero (ROCHA, 2004). O curioso é que, se por um lado jornalistas homens poderiam cobrir todos os temas, como política, geral, economia, esporte, mesmo sem formação superior, por outro,

as mulheres precisavam “se qualificar” para exercer a cobertura de temas alheios ao “universo feminino”, ou que não lhe fossem “familiar”, como moda, culinária, artes, colunismo social e afins.

Nas décadas seguintes despontam os cursos universitários em Comunicação Social no Brasil e paralelamente cresce o número de mulheres nas redações. Em 1960 existiam sete faculdades de jornalismo no país, no início dos anos 90 somavam mais de 100, sendo 70 com o curso específico de jornalismo. Em 17 de outubro de 1969, em plena ditadura militar foi aprovado o Decreto-Lei 972, com alterações posteriores (DECRETO 65.923 e DECRETO 83.284), regulamentando a profissão de jornalista e exigindo o curso superior de jornalismo para o exercício da profissão (ROCHA, 2004). Em 2012 totalizaram 317 cursos de jornalismo (LIMA; MICK, 2013). O número de mulheres atuando no mercado jornalístico também ultrapassou o contingente masculino, as jornalistas correspondem a 63,7% contra 36,3% de homens (LIMA; MICK, 2013). Contudo, a ocupação feminina é menor nos veículos tradicionais, como nos jornais impressos em que elas não representam 50% do mercado (ROCHA, 2004; LEITE, 2015) e ainda há discrepância nas áreas de cobertura. As profissionais femininas são responsáveis em maior parte pelas coberturas de “notícias brandas”, realizando em menor número cobertura política e econômica (ALDRIDGE, 2001; CHAAMBERS; STEINER; FLEMING, 2004). Nos postos com maior notoriedade na carreira de jornalismo, ainda predominam os homens, como aponta pesquisa realizada pelo Laboratório de Mídia e Esfera Pública do IESP-UERJ, desde 2014, uma predominância do gênero masculino entre os colunistas de três jornais brasileiros: 73% de autoria masculina na *Folha de S. Paulo*, 72% no *Estado de São Paulo* e 74% em *O Globo*². Outro indi-

2 Publicada no site oficial do GEMAA - Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa. Disponível em <http://gemaa.iesp.uerj.br/publicacoes/infografico/infografico7.html> Acesso em 20 de maio de 2016.

gador nesse sentido é em relação à segmentação do mercado e ao *status* das ocupações, as mulheres estão em maior parte dos postos fora da mídia, ou seja, nos setores extra-redação. Elas representam 68,8% (LIMA; MICK, 2012). Embora quantitativamente as mulheres predominam no jornalismo, ainda há desigualdades de gênero no mercado de trabalho referentes a cargos, ocupações, salários, postos e planos de carreira.

O jornalismo regional e o surgimento da *Gazeta do Povo*

Há diferenças entre os jornais sediados nos grandes centros e nas cidades de porte menor. A imprensa regional possui especificidades que a distanciam da grande imprensa, sejam nos modelos de gestão, estruturas das redações, relação com os poderes políticos e econômicos locais, características da própria região as quais estão imbricadas na imprensa, enfim todas essas peculiaridades repercutem no compasso das transformações do jornalismo.

As transformações do jornalismo estão relacionadas ao contexto histórico e às características da sociedade na qual ele está inserido bem como à mobilidade social, liberdade de opinião, igualdade dos sujeitos, direito de expressão e pluralismo político. Por outro lado, o jornalismo regional também constitui o contexto da profissão em jornalismo, ele compõe este contexto e dialoga com ele. Outro aspecto a se considerar é que o jornalismo brasileiro nasceu na imprensa regional e local, mas em centros urbanos relevantes para a época, e que ainda hoje não há um impresso com cobertura nacional, responsável por noticiar assuntos de todas as regiões do país. A *Gazeta do Rio do Janeiro*, fundada em 1808, foi o primeiro jornal da iniciativa privada e surgiu com a vinda da Corte portuguesa e a instalação da tipografia da Imprensa Régia.

Em seguida, despontaram novos jornais em diferentes regiões, sendo nenhum deles de cobertura nacional, como aponta Sobrinho (1988). O último estado a criar um jornal nesse período foi o estado do Paraná, em 1853.

Embora não se configure um jornal genuinamente nacional, para apreender a história do jornalismo impresso no Brasil é interessante estudar o jornalismo regional e suas diferentes configurações nas diferentes regiões e localidades. Nesse sentido, a presente reflexão aborda a história de um impresso regional, a *Gazeta do Povo*, sediada em Curitiba, mas busca apresentar uma perspectiva diferente, pelo viés da participação feminina no jornal, focando o processo de feminização da redação deste impresso.

Contar a história envolvendo as mulheres, além de agregar suas contribuições no desenvolvimento do jornalismo brasileiro, é também dialogar com estudos de gênero, ao apontar como foi esse ingresso feminino na profissão, os postos que desempenharam, as áreas de cobertura em que atuaram, as relações com os pares profissionais, formação acadêmica, enfim é conceber a mulher jornalista dentro da categoria de análise do gênero.

Uma das autoras que defende gênero como categoria de análise é Scott (1990). Para a autora, semelhante à raça e à classe social, o gênero também permite dar significado às relações de poder. Este não se restringe a um sistema de relações determinadas apenas pelo sexo e/ou pela sexualidade, mas tem que contemplar a universalidade e a especificidade histórica em contextos em transformação. Assim, o gênero é uma dimensão decisiva da organização da igualdade e da desigualdade (SCOTT, 1990). Nesse sentido, para compreender a participação das mulheres na redação da *Gazeta do Povo* consideram-se as três revisões mencionadas anteriormente, imprensa feminista,

inserção da mulher no mercado de trabalho nacional e o processo de feminização do jornalismo.

Em 1919, quando o jornal *Gazeta do Povo* foi fundado, o Paraná tinha passado pela Guerra do Contestado (1912-1916) e buscava reforçar sua identidade e valorizar o povo, criando o Movimento Paranista. Também era uma época de agitações sociais, com o crescimento do movimento operário, como se apontou acima, composto, na sua maioria, por imigrantes europeus que queriam introduzir novas ideologias políticas no Brasil, como o anarquismo e o socialismo, em oposição ao conservadorismo e exclusivismo do cenário político do início da década de 1920 (FERNANDES; SANTOS, 2010).

O jornal foi criado por dois advogados, o paraibano de João Pessoa, Benjamin Baptista Lins de Albuquerque, e o alagoano de Marechal Deodoro, Oscar Joseph De Plácido e Silva (FERNANDES; SANTOS, 2010). A primeira edição da *Gazeta do Povo* declarou aos leitores que não tomaria partido, manteria-se imparcial, como era de costume os jornais informarem na sua primeira edição, embora não representasse o que de fato ocorria. Os impressos assumiam posições.

Nesse mesmo período circulavam em Curitiba os impressos *A Tribuna*, *Diário da Tarde*, e os jornais operários *O Proletário*, *União e Trabalho* e *O Trabalho*, que representavam os interesses dos trabalhadores. Eles se posicionaram de forma ativa na greve geral que paralisou a cidade em 1919. Curitiba, na época, tinha cerca de 40 mil habitantes.

Oswaldo Pilotto (1976) ao retratar 100 anos de imprensa no Paraná 1854-1954, descreve detalhes do lançamento da primeira edição da *Gazeta do Povo* e a atuação dos profissionais. A narrativa informa que o contingente era masculino.

Chega-se em 3 de fevereiro de 1919, quando Benjamin Lins lança a “Gazeta do Povo” secretariado por De Plácido e Silva. Destinava-se, essa folha, “à defesa dos interesses gerais da sociedade, a chamar a atenção de todos e de cada um para os assuntos que direta ou indiretamente, nos interessam”. Do seu programa, jamais se desapegou, tendo recebido gradativamente, melhoramentos de primeira ordem, até se transformar em potencial empresa jornalística, adotando os processos mais adiantados de impressão, no sentido de entregar ao público uma folha perfeita. “Gazeta do Povo” foi sempre uma escola de jornalismo. Muitos moços [grifo nosso] adquiriram a prática e o hábito das lides de imprensa. Isto porque a redação do jornal tinha sempre uma mesa livre para receber o rabiscador de notícias sociais ou mesmo de outro caráter. As suas colunas recebiam a colaboração de ensaístas desde os serenos tradicionais até os de novas técnicas literárias, em que se incluíam os autores da poesia futurista, estapafúrdia por vezes. (PILOTTO, 1976, p. 46)

O ambiente da redação da *Gazeta do Povo* era, pelo menos até meados dos anos 1990, majoritariamente composto por jornalistas homens. Entretanto, mulheres jornalistas passaram pela redação a partir da década de 1930. O interessante é que há livros e registros que trazem a história da *Gazeta do Povo*, perpassando pela biografia dos seus fundadores, pelas relações que o jornal tinha com os ideais políticos, econômicos e sociais da época e mesmo pelo crescimento da cidade. Porém, ao buscar dados sobre o ingresso das mulheres na redação e suas contribuições para o desenvolvimento do jornal, deparou-se com dificuldades de encontrar informações e mesmo registros. Margareth Rago (1995/1996) mostra que a invisibilidade feminina está na narrativa histórica.

(...) as mulheres foram e ainda têm sido esquecidas não só em suas reivindicações, em suas lutas, em seus direitos, mas em suas ações. Suprimidas da História, foram alocadas na figura da passividade, do silêncio, da sombra na esfera desvalorizada do privado. O feminismo aponta para a crítica da grande narrativa da História, mostrando as malhas de poder que susten-

tam as redes discursivas universalizantes. O feminismo denuncia e critica. Logo, deve ser pensado e lembrado. (RAGO, 1996, p.15)

A autora ressalta que embora as mulheres tenham sido excluídas da “Grande Narrativa Histórica” não significa que não há documentos históricos com referências à participação das mulheres.

Gazeta do Povo: durante cinco décadas as mulheres eram exceção na redação

A primeira mulher a entrar no jornal *Gazeta do Povo* para atuar como jornalista foi Juril de Plácido e Silva Carnasciali (1921 – 2012) pelas mãos do seu pai, um dos donos do jornal. Ela frequentou a redação do impresso desde pequena e tornou-se a primeira jornalista mulher na redação, trabalhando como colunista social e colaborando no veículo por mais de 50 anos (GAZETA DO POVO, 2012).

Segundo a reportagem “Carmen, Iverly e todas as outras”, publicada por José Carlos Fernandes, em 14 de abril de 2016, no caderno Vida e Cidadania da *Gazeta do Povo* (GAZETA DO POVO, 2016), a primeira jornalista contratada pela *Gazeta do Povo* foi Carmem Lour, com 20 anos, em 25 de agosto de 1938, mas ela teve uma curta passagem pelo jornal e há poucos registros que documentam seu trabalho.

Outro nome que se destacou entre as pioneiras na redação foi Rosy de Sá Cardoso. Nascida em 1927, continua ativa na *Gazeta do Povo*, onde trabalha desde 1977. Ela é considerada a mais antiga jornalista viva e a primeira mulher a ser associada ao Sindicato de Jornalistas do Paraná. Rosy começou como cantora profissional no rádio, mas precisou parar de cantar. Como o contrato ainda não ha-

via terminado, ela propôs à rádio que escrevesse, inaugurando um programa para mulheres, de nome “Ajudando o seu lar”, com receitas, crônicas e números musicais. O diretor da rádio era irmão do diretor de um jornal que então a convidou para trabalhar no veículo. No contrato constava “cronista de festas sociais”, tornando-se a primeira colunista social de Curitiba (GAZETA DO POVO, 2012).

A partir do ano de 1961, Rosy migrou para o *Diário do Paraná*, onde só ganhou carteira assinada em 1970. “Eu não queria anotação em carteira porque eu sempre gostei muito de viajar. Eu avisava o mês que não trabalharia, tirava férias na prefeitura e viajava”. (TURISMO EM NÚMEROS, 2002).

Rosy lembra que não se fazia reportagens de turismo, então não recebia para fazer matérias durante as viagens. “Eu recebia por mês e quando eu voltava eu trazia reportagens sobre as viagens, ou mandava por carta” (TURISMO EM NÚMEROS, 2002). Ela visitou mais de 86 países.

Apenas em 1969 os textos de Rosy receberam destaque no jornal, quando os diretores do *Diário do Paraná* a convidaram para escrever uma coluna semanal sobre turismo. Ela inaugurou assim uma nova coluna no impresso. Em dezembro de 1976, após uma série de problemas e irregularidades no *Diário do Paraná*, Rosy pediu para ser demitida. Francisco Cunha Pereira Filho, o então presidente da *Gazeta do Povo*, convidou Rosy para trabalhar no jornal a partir de 1º de janeiro de 1977, onde Rosy continua até hoje (TURISMO EM NÚMEROS, 2002). O interessante é o percurso percorrido por Rosy. Ela iniciou no rádio, como muitas outras mulheres na época, como cantora. Em seguida cria o seu programa também no rádio, o qual lhe dá visibilidade profissional e propicia o convite para trabalhar no impresso, tendo como porta de entrada o colunismo social e, posteriormente passa a

escrever sobre turismo, esporte e política. São mais de 50 anos de atividade, figurando os movimentos da participação feminina no jornalismo, ao longo de sua história, a partir do rádio.

Segundo Rosy, a única porta aberta às mulheres jornalistas na segunda metade do século passado era a coluna social, mas, com o passar do tempo, conseguiu escrever até mesmo sobre política e esporte (TURISMO EM NÚMEROS, 2002), temas considerados mais “sérios” em que prevalecem a autoria masculina. Ela foi a primeira mulher a se associar ao Skal Internacional de Curitiba – uma associação internacional de profissionais de turismo, com sede na Espanha e comitês nacionais no mundo inteiro. Rosy chegara a ser presidente do Skal. Recém-chegada à *Gazeta*, ela ganhou uma página, em preto e branco, para sua coluna sobre turismo. Ao entenderem a importância do espaço, os diretores foram incrementando a coluna de Rosy. O espaço ganhou fotos em cores, tornou-se um caderno e chegou a ter 12 páginas (TURISMO EM NÚMEROS, 2002). Após atuar 22 anos como editora de turismo da *Gazeta do Povo*, em 1999 ela entregou seu cargo, alegando ter chegado no ápice de sua carreira e que um jornalista mais novo deveria assumir o posto.

Ainda na década de 1980, havia poucas mulheres na redação da *Gazeta do Povo*, o que foi um desafio para a jornalista Nereide Michel. Ela cursou graduação em Jornalismo na PUC-PR e conseguiu um estágio na *Gazeta do Povo* (MICHEL, 2012). Lançou, em 1983, o *Para Viver Bem/Para Morar Bem*, páginas soltas inseridas na Revista da Tevê, com o conceito “não basta viver, mas viver bem”. Essas páginas soltas logo se transformaram em um suplemento literário em forma de caderno, o atual *Viver Bem* e Nereide aventurou-se na diagramação. A produção do caderno de domingo antecipou conceitos de bem-estar e qualidade de vida.

Conseguimos formar uma ‘mini-redação’ dentro da redação, tínhamos repórteres, fotógrafos, produtores e outros. Nossas primeiras fotos de moda eram em preto e branco, então passamos a escrever as cores das roupas e acessórios em cima da foto, puxando ‘flechinhas’, e tá ótimo, ficou muito engraçado (risos). E eu tinha que esperar a minha vez para fazer a diagramação, e sempre atrasavam o Viver Bem. E eu vi que não era difícil diagramar. Então pedi a lista de anúncios e passei a diagramar as páginas, o que era ótimo, porque eu conseguia casar as páginas com os anúncios, ou seja, anúncios de beleza eu colocava nas páginas de beleza, etc. Assim, eliminei o diagramador da minha vida.³

De acordo com seu novo *site* de moda, o *Conceito Atual*, a iniciativa de Nereide para o Viver Bem tinha intenções de “valorizar profissionais paranaenses nas áreas de Moda, Beleza, Decoração, Culinária e Saúde – para firmar uma identidade regional ao suplemento – e comprovou-se acertada no globalizado e massificado século XXI”. (MICHEL, 2012). Até 2002, ela foi editora do Viver Bem. A partir desse ano Nereide idealiza e coordena eventos de moda, como o Curitiba Fashion Art e o Prêmio João Turin de Incentivo aos Novos *Designers* de Moda. Atualmente, é coordenadora do Ciclo de Atualização em Moda e do Paraná *Business Collection*, vice-presidente do IMOP – Instituto de Moda do Paraná – e assina o *blog* Plantão de Estilo na *Gazeta do Povo*.

Uma das mulheres a ocupar cargo de chefia no jornal é Ana Amélia Filizola, que foi diretora da unidade Jornais do GRPCom em 2012 e atualmente é diretora da *Gazeta do Povo*. Em 1992, ela criou, na esteira da primeira edição do Festival de Teatro de Curitiba, o então *Cultura G*. O suplemento, logo rebatizado de *Caderno G*, refletiu as mudanças da cidade que se tornava cada vez mais cosmopolita.

3 Vídeo publicado na *Gazeta do Povo*, **Bem perto da gente**. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/videos/bem-perto-da-gente/>>. Acesso em 25 mar. 2016.

Além de trabalhar mais de dez anos no jornal, ela fez carreira e inovou com a criação do suplemento.

Outro nome que se destaca por cobrir diferentes editorias é a repórter Aniela Almeida, que atuou na *Gazeta do Povo* de dezembro de 2000 a abril de 2011. Formada em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, em 1998, Aniela foi responsável pela redação de textos para as editorias Vida e Cidadania, Vida Pública, Economia, Esportes e Caderno G. Ela também presidiu o Sindijor-PR, de 2006 a 2009.

No período de 1990 a 2010 foram mapeadas 35 jornalistas na redação da *Gazeta do Povo*. Atualmente o jornal é composto em sua maioria por profissionais mulheres. Uma delas é Katia Brembatti, formada em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa e compõe a redação do jornal desde 2004. Em 2010, ela ganhou o Prêmio Esso de Jornalismo junto com os pares profissionais Karlos Kohlbach, James Alberti e Gabriel Tabatcheik, pela série de reportagens investigativas chamada “Diários Secretos”, publicada na *Gazeta do Povo* e na RPC TV (Paraná). Foi a primeira vez que o jornal *Gazeta do Povo* ganhou a categoria Prêmio Principal.

Em 2011, a série ganhou o prêmio mundial de imprensa Global Shining Light Award, inédito, até então, para o jornalismo brasileiro. Foram dois anos de apuração, catalogando informações de 724 diários oficiais da Assembleia publicados entre 1998 e 2009. As investigações desvendaram uma série de crimes de desvio de dinheiro na Assembleia Legislativa do Paraná, que, segundo estimativas do Ministério Público (MP), ultrapassou os R\$ 100 milhões. O trabalho se consagrou como melhor exemplo de jornalismo investigativo produzido em nações em desenvolvimento.

Das sete jornalistas citadas, embora algumas de gerações diferentes, cinco ocuparam simultaneamente a redação na última dé-

cada. A inserção das jornalistas na redação em maior número ocorre após a década de 1980, quando cursavam faculdade ou já portavam o diploma, semelhante ao processo de ingresso feminino em jornais de outras localidades do país.

As profissionais mapeadas antes desse período entraram por outros acessos mais demarcados, como a filha do dono, ou via rádio. Elas ficaram limitadas aos espaços atribuídos às mulheres na cobertura de colunismo social e “temas brandos”, como turismo, mas conseguiram, na segunda metade do século XX, transpor as chancelas impostas às profissionais mulheres, como foi o caso de Rosy, que fez cobertura de temas políticos e sobre esporte. O interessante é que as profissionais mapeadas ultrapassam as fronteiras delimitadas à atuação feminina nas redações comerciais durante grande parte do século XX e se sobressaíram inovando em coberturas, lançamento de cadernos e segmentos, chegaram aos cargos de chefia e conquistam prêmios, até então inéditos, junto aos pares profissionais.

Conclusão: Em busca das mulheres da *Gazeta do Povo*

Ao tentar mapear o processo de feminização da *Gazeta do Povo*, iniciou-se a busca por marcos históricos e quantitativos. A priori uma consulta em um navegador de Internet apontou que não há qualquer levantamento de dados quantitativos sobre os jornalistas que atuaram e ainda atuam na *Gazeta do Povo* no geral, menos ainda sobre as profissionais mulheres. Em referências biográficas sobre a história do jornal, também não se encontraram menções sobre a participação das jornalistas mulheres. A primeira pista veio do próprio jornal, veiculado em 2012, ao chegar à edição 30 mil, que fez uma

série de vídeos com pequenos depoimentos dos jornalistas de maior destaque e experiência que passaram pela redação. Dentre os jornalistas, estavam três mulheres, as jornalistas Rosy de Sá Cardoso, Ana Amélia Filizola e Nereide Michel.

O passo seguinte foi procurar mulheres que trazem em suas identificações de emprego o jornal *Gazeta do Povo*, tanto na rede *Facebook*, quanto no *LinkedIn*. Essas ferramentas forneceram 75% das mulheres que atuaram no jornal durante o período de 1990 a 2010. Nesse primeiro momento levantaram-se 30 nomes.

Um ponto de dificuldade na pesquisa foi a pouca comunicação entre *Gazeta do Povo*-pesquisadoras, Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná-pesquisadoras, e GRPCom-pesquisadoras. Informações, tabeladas ou não, sobre os jornalistas atuais e os que passaram pela *Gazeta do Povo* não foram fornecidas, nem pelo próprio jornal, nem pelo sindicato. Consultou-se também a RAIS - Relação Anual de Informações Sociais. No entanto não há dados sobre jornalistas atuando no Paraná, justamente porque as empresas e o sindicato não disponibilizam tais informações.

Foi feita uma consulta em jornais dos anos de 1990, 1991, 1995, 1998 e 2000, disponíveis em microfilme, na Biblioteca Pública do Paraná. Rastreamos dez novos nomes e foram confirmados dez já revelados no estudo. Assim, até o momento mapearam-se 35 jornalistas mulheres que atuaram na *Gazeta do Povo* de 1990 a 2010, e as contribuições das primeiras profissionais que chegaram à redação do jornal. Levantar as contribuições exige um esforço maior da pesquisa, primeiro pela dificuldade de encontrar registros e dados documentados de quem foram essas profissionais.

Das sete mulheres apontadas, apenas uma desempenhou cargo de direção e somente a partir de 2012, após dez anos trabalhando no jor-

nal. Outro dado a se considerar refere-se aos temas de cobertura produzidos pelas profissionais mulheres. Rosy passou a cobrir política e esportes após ter inovado e se profissionalizado na cobertura de turismo, além de ter feito carreira dentro da *Gazeta*. Outro nome que cobriu, também, esportes e economia é a jornalista Aniela Almeida, que coincidentemente ou não atuou no jornal mais de 11 anos. Sobre as contribuições, todas as sete se destacaram de alguma forma no desenvolvimento do jornal, seja na criação de cadernos, inovação nas coberturas ou mesmo pela qualidade da cobertura, como, por exemplo, o caso dos Diários Secretos, que deu visibilidade internacional pelo mérito investigativo.

A relevância e o esforço da pesquisa é dar visibilidade a essas mulheres que contribuem para o exercício da profissão e para a própria história e desenvolvimento do jornal. O estudo ainda não está finalizado e não tem a pretensão em esgotar a discussão, busca sim agregar aos estudos de história do jornalismo regional e gênero.

Referências

ALDRIDGE, Meryl. The Paradigm contingent career? Women in regional newspaper journalism. *Sociological Research Online*, vol. 6, n.3, 2001.

A MAÇONARIA no Paraná. Autor desconhecido. – Vol. 7 de 7, página 136 e 141 – Registro de Direitos Autorais nº 240/200, 2000.

ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS JURÍDICAS, *Cadeira 35*. Disponível em: <<http://www.aplj.com.br/cadeiras/carlyle-popp/>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

ALBUQUERQUE, Benjamin Baptista Lins. *Grande Oriente e Supremo Conselho do Paraná (GOB - 1902/20) - Grãos Mestre*. Disponível em: <http://www.museumaonicoparanaense.com/MMPRaiz/Autoridades_PR/GOIndPR902_918-Benjamin_Lins.htm>. Acesso em: 25 mar. 2016.

BESSE, Susan Kent. *Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940*. São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1999.

BUITONI, Dulcília Schroeder. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Summus, 2009.

CANO, W. Da Década de 1920 à de 1930: Transição Rumo à Crise e à Industrialização no Brasil. *Revista Economia*, Brasília (DF), v.13, n.3b, p897-916, set/dez. 2012.

CARNASCIALI, Juril de Plácido e Silva. *Lembranças para a vida inteira* [fev. 2009]. Entrevistador: Gazeta do Povo. Curitiba, 2009. Entrevista concedida ao jornal Gazeta do Povo em comemoração aos 90 de jornalismo.

CHAMBERS, Deborah; STEINER, Linda; FLEMING, Carole. *Women and Journalism*. London: Routledge, 2004.

COSTA, Samuel Guimarães de. *A erva-mate*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba (Coleção Farol do Saber), 1995.

DOTTI, René; CASTOR, Belmiro Valverde Jobim, *Crônicas Politicamente Inconvenientes... e outras nem tanto*. EBEL: Rio de Janeiro, 2008.

DUARTE, Otávio; GUINSKI, Luiz Antonio. *Imagens da evolução de Curitiba*. Curitiba: Quadrante Editorial, 2002.

DUARTE, Constância Lima. *Feminismo e literatura no Brasil*. Estudos Avançados. vol.17 no.49 São Paulo Set. /Dez. 2003

FERNANDES, José Carlos; SANTOS, Márcio Renato dos. *Todo dia nunca é igual: notícias que a vida contou em 90 anos de circulação da Gazeta do Povo*. Curitiba: Editora Gazeta do Povo, 2010.

FERREIRA, Marieta de Moraes; PINTO, Surama Conde Sá. *A Crise dos anos 20 e a Revolução de Trinta*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

FORJAZ, Maria Cecília Spina. *Tenentismo e Aliança liberal (1927-1930)*. São Paulo: Polis, 1978.

GAZETA DO POVO, 2016. *Carmen, Iverly e todas as outras*. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/jose-carlos-fernandes/carmen-iverly-e-todas-as-outras-9a2cvfmjt9fhzbdk0ev965vkn>>. Acesso em: 19 abr. 2016.

_____, *Bem perto da gente*. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/videos/bem-perto-da-gente/>>. Acesso em 25 mar. 2016.

_____, *Diários Secretos ganha prêmio internacional*. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/especiais/diarios-secretos/diarios-secretos-ganha-premio-internacional-ahxknu7zid4vxxk7r4xt29p7im>> Acesso em: 24 mar. 2016.

_____, *Morre a jornalista paranaense Juril Carnasciali*. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/morre-a-jornalista-paranaense-juril-carnasciali-2lv467d8gkv5nal9p6b8kfj9q>>. Acesso em 24 mar. 2016.

_____, *No tempo em que Dino Almeida inventou a elegância no Paraná*. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/no-tempo-em-que-dino-almeida-inventou-a-elegancia-no-parana-aj73jz8hhath288is9pcil93i>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

_____, *Os maus humores do Rio Ivo*. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/videos/os-maus-humores-do-rio-ivo>>. Acesso em 25 mar. 2016.

_____, *Moda de terra e mar*. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/plantao-de-estilo>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

_____, *A Era do Dino*. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/videos/a-era-do-dino/>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

GUIMARÃES FILHO, Carlos. *O Esso é nosso*. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/especiais/diarios-secretos/o-esso-e-nosso-4mx59fd6el957upn3xypfthq>> Acesso em: 24 mar. 2016.

LEITE, Aline Tereza Borghi. *Profissionais da mídia em São Paulo: Um estudo sobre profissionalismo, diferença e gênero no jornalismo*. São Carlos: UFSCar, 2015. 232p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

LOYOLA E SILVA, Enólia Lins de. *Meu pai foi severo, mas generoso* [fev. 2009]. Entrevistador: Gazeta do Povo. Curitiba, 2009. Entrevista concedida ao jornal Gazeta do Povo em comemoração aos 90 anos de jornalismo.

MARTINS, Romário, TRINDADE, Etelvina Maria de Castro; ANDREAZZA Maria Luíza, 2001, p. 91. In: REZENDE, Claudio Joaquim. (Org.). *Paraná espaço e memória: diversos olhares histórico-geográficos*. Curitiba: Editora Bagozzi, 2005.

MICHEL, Nereide. *Conceito Atual*. Disponível em: <<http://www.conceitoatual.com.br/contato/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

MICK, Jaques. *Perfil do Jornalista Brasileiro: Características demográficas, políticas e do trabalho*. UFSC, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política.; Núcleo de Estudos sobre Transformações no Mundo do Trabalho em convênio com a Federação Nacional dos Jornalistas -FENAJ, 2012.

MILLARCH, Aramis.. Disponível em: <<http://www.millarch.org/artigo/demolido-o-predio-de-Demolido-o-prédio-de-Plácido-e-Silva,1985-placido-silva>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

PILOTTO, Osvaldo. *Cem Anos de Imprensa no Paraná (1854-1954)*. Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1976.

PUGLIELLI, Hélio de Freitas. (org.) *Curitiba, 300 anos de memória oficial e real*. Edição da Secretaria de Estado da Comunicação Social do Paraná. Curitiba, 1994.

RAGO, Margareth. *Adeus ao feminismo? Feminismo e (pós) modernidade no Brasil*. Cadernos AEL, n. 3/4, 1995/1996.

RIBEIRO, José Hailton. *Jornalistas: 1937 a 1997: história da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais) câmeras e microfones*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1998.

ROCHA, Paula Melani. *A mulher jornalista no estado de São Paulo: o processo de profissionalização e feminização da carreira*. São Carlos: UFSCar, 2004. 241 p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

ROCHA, Paula Melani; NORONHA, Mariana Galvão. *A teoria e a prática do jornalismo investigativo: uma análise das reportagens premiadas da Agência Pública*. Revista Observatório. v.1, 2015.

RODRIGUES, Marly. *O Brasil na década de 1920*. São Paulo: Ática, 2010.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. *Comunicação e política*, São Paulo: Hacker, 2000.

SCOTT, Joan. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. In *Revista Educação e Realidade*. Uma publicação semestral da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Vol. 16, n.2. Jul/Dez 1990.

SOBRINHO, Barbosa Lima. *O problema da imprensa*. São Paulo: Com Arte, 1988.

TURISMO EM NÚMEROS. Ano 2, Ed. 13, 2002. Disponível em: <<http://turismoemnumeros.com.br/edicao/edic13/files/assets/basic-html/page34.html>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

Data de submissão: 30/06/2016

Data de aceite: 22/03/2017